

## UM CONVITE AO DIÁLOGO

### SALVE SALVE GERAL

A FaE/UFMG presenciou nesta segunda-feira, 25 de setembro de 2017, pixos denunciando práticas racistas por parte de uma das docentes desta faculdade. Acreditamos ser o momento de discutir o racismo institucional e outras formas de violências e opressões cometidas por esta e por outras/os professoras/es à comunidade acadêmica.

O que é o pixo, que pode ser facilmente removido, quando comparado às históricas violências institucionais?

O pixo definitivamente não é o que provoca ou mobiliza esse grupo. Na maior hipótese, o pixo é uma forma de expressar que criou várias dinâmicas ao longo da história e se fez necessária para mudanças reais e políticas. Uma análise reduzida vai ter o pixo como crime, feio, imposição somente. O que parece relevante nesse aspecto é como o pixo foi ferramentalizado ao longo da história para ser a voz que não podia ser dita. E é nesse ponto que focamos. O que mobiliza o pixo na FaE?

Podemos colher pelo histórico da UFMG vários momentos em que o pixo fomentou ou mobilizou políticas públicas via debate e ação dos movimentos sociais. Destacamos aqui o episódio do pixo “A UFMG vai ficar preta” ou as denúncias ao gabinete de um professor da FAFICH que assediava as alunas. Ambos com ampla cobertura midiática. O pixo nesses contextos denunciava por outros mecanismos de diálogo algo que a faculdade, a passos morosos, diziam dialogar, ainda, a um ápice de denúncia de racismo e machismo na universidade.

Por que o pixo se torna pauta neste momento antes mesmo de discutir práticas de opressão (racismo, assédio moral/sexual, LGBTQfobia, machismo, desvio de função de bolsistas, assédio moral com técnicos e funcionários e etc.) por parte desta e de outras/os docentes, objeto de denúncias que foram feitas pela comunidade FaE?

Vamos dialogar sobre isso?

Vivenciamos cotidianamente processos de abusos de poder dentro da FaE. O medo da perseguição nos silencia por TEMER a retaliação, uma vez que em inúmeras ocasiões não há diálogo quando há hierarquia institucional.

Achamos importante enfatizar que mesmo docentes e técnicos sofrem assédio por partes dos/as pares.

O pixo só aconteceu nesta ocasião porque a situação do racismo atingiu um ponto absurdo provocando indignação na faculdade. As paredes pixadas manifestam o grito das/os silenciadas/os de hoje e de ontem. Apesar das diversas denúncias nenhum debate foi feito para tratar sobre estes assuntos, que são infelizmente tão comuns à vida da universidade e das instituições brasileiras de forma geral.

O pixo não foi um ato institucional, foi um ato de denúncia, que se feita pelos meios formais, teria uma grande chance de penalizar a parte denunciante. Acreditamos, mediante a isso, que não seja o pixo o problema. O problema que nos mobiliza resolver é o racismo, machismo, sexismo e LGBTQfobia no nosso lar e que não faz jus às nossas lutas (docentes, técnicas/os, terceirizadas/es e estudantes). Como vamos encaminhar isso? Será que vai ser sempre pelo escracho e exposição que as/os docentes sejam obrigadas/os a lidar com suas formas de opressão?

Nós, como estudantes, por estarmos em uma faculdade que teoricamente se propõe condizente ao diálogo, à horizontalidade e à diversidade, tínhamos a expectativa de uma postura por parte dos/as discentes e de toda a comunidade acadêmica de um amplo debate sobre o racismo estrutural na instituição bem como sobre as formas de opressões aqui denunciadas.

Infelizmente, como a resolubilidade destes problemas ficou somente nos ruídos, propomos um espaço para que toda a comunidade FaE/UFMG possa discutir coletivamente todas as formas de opressão e a cultura do pixo - e, aproveitando o momento, divulgamos que no dia 10 de Outubro de 2017, dia reservado para realização de atividades complementares, realizaremos um seminário para debatermos as diversas percepções e opiniões sobre o pixo, às 19:30h no Auditório Neidson Rodrigues da Faculdade de Educação - FaE/UFMG.

Comissão de Comunicação  
Coletiva Ocupação Permanente FaE  
Território Walquíria Afonso Costa